



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

JOSEFA IRANETE JUSTINO ROCHA

**O DISCURSO SOB A PERSPECTIVA POLÍTICO-
-IDEOLÓGICA EM MEMES NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

**GUARABIRA – PB
OUTUBRO, 2016**

JOSEFA IRANETE JUSTINO ROCHA

**O DISCURSO SOB A PERSPECTIVA POLÍTICO-IDEOLÓGICA
EM MEMES NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras, sob a orientação da Prof^aDr^a. Maria de Fátima Aquino.

GUARABIRA – PB
OUTUBRO, 2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

R672d Rocha, Josefa Iranete Justino

O discurso sob a perspectiva político-ideológica em
memes na rede social Facebook. / Josefa Iranete Justino
Rocha - Guarabira: UEPB, 2016.
22 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Dra. Maria de Fátima Aquino”.

1. Linguagem. 2. Análise de discurso. 3. Memes. I.
Título.

22. ed. CDD 370.14

JOSEFA IRANETE JUSTINO ROCHA

**O DISCURSO SOB A PERSPECTIVA POLÍTICO -
-IDEOLÓGICA EM MEMES NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovado em: 25/10/2016

Resultado: 10,00 (dez)

BANCA EXAMINADORA

Maria de Fátima de Souza Aquino
Profª Drª Maria de Fátima de Souza Aquino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Edilma de Lucena Catanduba
Profª Drª Edilma de Lucena Catanduba
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Eduardo Henrique Cirilo Valões
Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valões
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Guarabira – PB
Outubro, 2016

Resumo

O presente estudo visa analisar discursos que circulam como memes na rede social Facebook, partindo da perspectiva político-ideológica. Estudar a língua enquanto signo não é uma tarefa fácil, tendo em vista o seu caráter arbitrário. Para compreendê-la, faz-se necessário que se assuma uma postura diante às teorias que a estudam, bem como de seus fenômenos constituintes, como: a enunciação, o enunciado, o enunciado concreto e o discurso, de maneira mais restrita. Apoiando-se em ensinamentos da escola de Análise de Discurso Francesa, este trabalho tem como base teorias bakhtinianas, que consideram a língua um signo social, procurando, assim, correlacionar os sentidos existentes entre tais fenômenos, sendo este, pois, o seu corpo de estudo: a análise de formações discursivas que figuram como memes na rede social Facebook. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica de estudos de alguns teóricos que discorrem a respeito da temática como Bakhtin (2006), Brandão (2006), Maingueneau (1997), Orlandi (2013), Possenti (1993), Souza (2013), entre outros, além de uma pesquisa exploratória do objeto de estudo, através da rede social Facebook. Dessa forma, foi possível constatar que a linguagem é composta por ideologias, as quais afetam o sujeito que as propagam através de diversos gêneros textuais, dentre os quais, destacam-se os memes.

Palavras - chave: Linguagem. Análise de Discurso. Memes.

Resumen

Este estudio tiene la intención de hacer un análisis de los discursos que se presentan como memes en la red Facebook, partiendo de la perspectiva político-ideológica. Estudiar la lengua como signo no es una tarea fácil, teniendo en cuenta su carácter arbitrario. Para comprender la lengua es necesario asumir una postura al frente de las teorías que la investigan, como de los fenómenos que la constituyen, como: la enunciación, el enunciado, el enunciado concreto y el discurso, de manera más restricta. Apoyándose en la enseñanza de la escuela Francesa de Análisis del Discurso, este estudio tiene en su base las teorías bakhtinianas, que consideran la lengua como signo social, intentando, así, correlacionar los sentidos existentes entre estos fenómenos, teniendo este como su base de estudio: el análisis de las formaciones discursivas que figuran como memes en la red social Facebook. Para eso, se ha hecho una investigación bibliográfica del estudio de algunos teóricos que discuten respecto la temática como Bakhtin (2006), Brandão (2006), Maingueneau (1997), Orlandi (2013), Possenti (1993), Souza (2013), entre otros, además de una investigación exploratoria del objeto de estudio, a través de la red social Facebook. De esa manera, fue posible constatar que el lenguaje es compuesta por ideologías que afectan el sujeto responsable por hacer la divulgación por medio de los diversos géneros textuales, dente ellos se enfatizan los memes.

Palabras - clave: Lenguaje. Análisis del Discurso. Memes

1 INTRODUÇÃO

Em meio à era digital, a linguagem vem ganhando cada vez mais espaços, oferecendo-nos, assim, uma nova ferramenta de interação: as redes sociais. Nesse contexto, a *cibercultura*, ou cultura da tela, apresenta-se à sociedade como uma propagadora de diversos gêneros textuais, visto que uma das principais vantagens da Web 2.0¹ apontadas por Souza (2013, p. 128), é a “maior facilidade de criação de conteúdos *online* e a partilha destes”, o que requer, sobretudo, concessão, aos usuários, de certa autonomia quanto à divulgação e recebimento de materiais no ciberespaço.

Mediante essa realidade, em uma perspectiva político-ideológica, esse trabalho tem como objetivo analisar discursos que circulam em forma de memes, gênero emergente, o qual Souza (2013, p. 129) define como “fragmentos textuais propagados através de redes sociais, particularmente, o *Facebook* [...]”, para isso, refletiremos acerca das ideologias do sujeito coletivo, a partir de ensinamentos da Análise do Discurso de orientação francesa, (AD). Apoiaremos-nos também em trabalhos de Eni Orlandi (2013), bem como de outros teóricos, a exemplo de Brandão (2006) e Possenti (1993), além das teorias bakhtinianas, que revelam o sujeito social, além de conhecimento adquirido até o momento acerca da Análise de Discurso.

O discurso, como depreende Guimarães (2013, p. 89) é uma “entidade histórica (ideológica) que se elabora socialmente, através de sua materialidade específica, que é a língua manifestada no texto.” É, pois, um fenômeno composto por ideologias, valores e conhecimentos dos indivíduos que definem o sujeito enunciador, e esses valores e conhecimentos só podem ser expressos por meio do enunciado. Analisá-lo consiste em compreender o seu processo de construção: sua historicidade e seu contexto social. Foi mediante esse pressuposto que relacionamos o significado existente entre o discurso, o enunciado e a enunciação.

¹O termo Web 2.0 – criado em 2004 pela empresa americana O'Reilly Media – é utilizado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a “Web como plataforma”. As ferramentas proporcionadas pela Web 2.0 permitem maior interação e participação dos usuários em ambientes virtuais pelo compartilhamento de dados, ou pela criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos. (SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no Ciberespaço. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes, RJ, v.15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013.)

Para tanto, utilizamos os memes como objeto de análise desse estudo. Desse modo, o presente trabalho estrutura-se em dois tópicos, a saber: *Linguagem, discurso e enunciação* e *A análise de formações discursivas que figuram como memes na rede social Facebook*, os quais julgamos necessários para a análise de discursos sob a perspectiva político - ideológica de alguns memes na rede social Facebook. No decorrer das análises discursivas, não nos interessamos apenas por aquilo que o texto diz ou mostra, pois não se trata de uma interpretação semântica de conteúdos. Interessamo-nos em como e por que o texto o diz e mostra. Por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 LINGUAGEM, DISCURSO E ENUNCIÇÃO

A década de 60 foi um período de grandes manifestações nos campos político e cultural, tanto no Brasil quanto na França, onde estudantes universitários saíram às ruas pedindo reformas no ensino. (BRANDÃO, 2006). Dentre as reformas, os intelectuais da época, a exemplo de M. Pêcheux questionavam a visão sistemática da língua.

Os estudiosos começaram, pois, a se interessar pela linguagem de uma maneira mais ampla. Propuseram-se a ir além da distinção saussureana – língua (sistema abstrato) e fala (realização concreta e individual), conforme, sugere Cardoso (1999), bem como do Gerativismo de Chomsky. Nesse sentido, e de acordo com Cardoso (1999):

A língua, concebida como sistema ou estrutura, em que os valores são relativos e diferenciais, bloqueava todo o processo de significação e de mudança linguística. Faltava à Linguística um dispositivo que colocasse a língua em processo, em funcionamento, libertando-a do fechamento e da imobilidade da estrutura. (CARDOSO, 1999, p. 21).

Mediante essa necessidade, surgiu a Linguística da Enunciação que teve como precursores no Ocidente Jakobson e Benveniste e, de acordo com Possenti (1988), embora continue admitindo aquele objeto estruturado (a língua), inclui no

objeto de estudo da Linguística, o aparelho formal da enunciação. A linguagem, nessa perspectiva “deixa de ser vista apenas como instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, para ser vista como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso.” (CARDOSO, 1999, p. 21), ao passo que o indivíduo falante torna-se sujeito ativo, assumindo, assim, o papel de sujeito do discurso. “Desta maneira, passaria a fazer parte do objeto da linguística o estudo dos mecanismos pelos quais o falante, apropriando-se da língua, transforma-a em discurso”. (POSSENTI, 1993, p. 47).

Dessa forma, consideremos que, para Possenti (1993, p. 49), o discurso é visto como “colocação em funcionamento de recursos expressivos de uma língua com certa finalidade, atividade que sempre se dá numa instância concreta e entre um locutor e um alocutário”. Sendo assim, na dimensão do discurso, a língua não mais é estudada como um código entre outros, pois emissor e receptor assumem a postura de sujeitos, realizando ao mesmo tempo, com sua capacidade de significar e significar-se, o processo de significação e a informação/mensagem passa a ser vista como discurso.

Nesse sentido, de acordo com Brandão (2006, p. 02), “podemos definir discurso como toda atividade comunicativa entre interlocutores; atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes”. Sendo assim, os interlocutores assumem um papel de extrema importância na construção de sentidos, pois eles são sujeitos situados num contexto sócio-histórico, com valores culturais e crenças definidas, que entendemos como as ideologias que transpassam o discurso. A respeito da construção de sentidos, Possenti (1993, p. 53) sugere que:

Há mais processos linguísticos de construção da significação do que pode imaginar a linguística das formas. O objeto de uma teoria do discurso deve ser, então, bem diverso do de uma teoria da gramática, no sentido estrito, não só pela tomada em consideração do contexto, mas também pela consideração do enunciado linguístico em sua materialidade total, visto que é com ela que os ouvintes operam, e não apenas com os elementos pertinentes ou distintivos.

Bakhtin (VOLOCHINOV, 2006, p. 45), nos explica que o sujeito, “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata”, ou seja,

determinados signos, na perspectiva bakhtiniana, pertencem à determinada formação ideológica e só significam o que significam por estarem inseridos nela. Assim, à medida que deslocamos um signo de determinado lugar e o enunciamos em um outro, ele pode tomar outra conotação e produzir, outros efeitos de sentido, pois ao deslocar-se, este signo se relaciona com outra formação ideológica. Portanto, o mesmo signo pode ter mais de um sentido e tornar-se uma arena de lutas ideológicas.

Sendo assim, o sujeito enunciador pode assumir uma posição plural quanto às ideologias presentes na prática discursiva, deixando para o receptor a responsabilidade na apreensão dos sentidos, que, por sua vez, serão assimilados a partir do contexto sócio-histórico do sujeito ouvinte. Logo, consideramos que o discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. A esse respeito, Brandão (2006) citando Maingueneau (2004), aponta que os sujeitos discursivos – falante/ouvinte, escritor/leitor - devem ter:

Conhecimento para produzir discursos adequados às diferentes situações em que atuamos na nossa vida; conhecimentos de assuntos, temas que circulam na sociedade; conhecimento das finalidades da troca verbal e para isso são importantes a imagem que faço de mim, da minha posição, a imagem que tenho das pessoas com quem falo, imagens que vão determinar a maneira como devo falar com essas pessoas (MAINGUENEAU, 2004 *apud* BRANDÃO, 2006, p.03).

Como vimos, são esses conhecimentos extralinguísticos que dão ao discurso o caráter da contextualização, pois um mesmo enunciado, produzido por um sujeito, um EU, em momentos diferentes vai ter sentidos diferentes, e, portanto, pode corresponder a discursos diferentes. Nesse sentido, é importante ressaltarmos as marcas explícitas da subjetividade, a respeito das quais Possenti (1993) retomando Benveniste, discorre:

As mais evidentes são os pronomes pessoais *eu* e *tu*, em seguida todos os outros dêiticos. São da língua, de um certo ponto de vista, e por isso a linguística das formas lhes confere um sentido fixo, deixando que sua referência seja dada pragmaticamente. O termo *eu* não significa “o locutor”, diz ele, mas “denomina o indivíduo que profere a enunciação”. O indivíduo que profere a enunciação é, evidentemente, mais e menos que o locutor. Mais porque é individuado, é referido, não é decorrente de um traço opositivo a

“ouvinte”. Menos que um locutor porque o alcance do conceito locutor é sempre maior que o de indivíduo que profere a enunciação (BENVENISTE *apud* POSSENTI, 1993, p. 55).

Compreendemos, então, que o discurso, atividade de interação, se desenvolve, no mínimo entre dois sujeitos, o que nos possibilita dizer que essa é uma forma de atuar, de agir sobre o outro. Trabalha com enunciados concretos, passando, dessa forma, do nível frasal para o estágio mais dinâmico da língua: a enunciação. Nesse sentido, é interessante ressaltar que o discurso é regido pelo princípio do dialogismo, o qual sugere que “quando falamos nos dirigimos sempre a um interlocutor; mesmo num monólogo [...], num diário, criamos uma personagem (um outro eu), com quem imaginariamente dialogamos”. (MAINGUENAU, 2004 *apud* BRANDÃO, 2006, p. 05).

Em suma, todo discurso é dialógico, visto que quando falamos ou escrevemos, dialogamos com outros discursos, trazendo o já dito para o nosso discurso. Estamos, a todo tempo, retomando, mesmo que de forma inconsciente, outros discursos, o que causa o efeito polifônico, como explica Brandão (2006), retomando Maingueneau:

Isto porque meu discurso dialoga com outros discursos, outras vozes nele estão presentes, vozes com as quais concordo (e vem reforçar o que eu digo) ou vozes das quais discordo total ou parcialmente. [...] todo discurso se constrói numa rede de discursos; em outras palavras, numa rede interdiscursiva. [...] É neste sentido que se diz que o discurso é uma arena de lutas em que locutores, vozes, falando de posições ideológicas diferentes procuram interagir e atuar uns sobre os outros (MAINGUENEAU, 2004 *apud* BRANDÃO, 2006 p. 05).

Sendo assim, podemos entender que no processo interacional, os sujeitos discursivos são marcados pela historicidade da língua, retomando sempre, de maneira consciente ou não, o discurso já dito, pois na sua fala outras vozes também falam. Desse modo, temos a identificação do sujeito diante da sua tomada de posição – concordar/discordar – pois é na prática discursiva que o sujeito do discurso se constitui e se reconhece. No discurso o sujeito se significa.

A linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história, conforme Orlandi (2013). Sendo assim, o analista

do discurso procura compreender os gestos de interpretação que compõem o texto. Essa compreensão implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim, novas práticas de leitura, e, nesse sentido, o que importa não é, apenas, estabelecer relações entre formas, mas descobrir por quais procedimentos se dá a atividade discursiva, conforme questiona Possenti (1993, pp. 49-50):

Como, com um sistema linguístico indeterminado, pode-se, em circunstâncias dadas, produzir-se um discurso com exatamente tal forma e tal interpretação. E, dado que há, em geral, possibilidade de mais de uma interpretação, por quais mecanismos se chega eventualmente a determinar a interpretação desejada ou as interpretações possíveis.

Na busca pelo significado de determinado discurso, é preciso, pois, questionar o sentido do gênero textual, a intenção e as ideologias do sujeito falante, buscando compreender os elementos externos à enunciação: as condições de produção e interdiscurso, os esquecimentos, a paráfrase, a polissemia, as relações de força e de sentido, as formações imaginárias, além de considerar o sujeito e sua forma histórica. (ORLANDI, 2013). Foi a partir desses estudos extralinguísticos que o discurso tornou-se o objeto da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, nascida no final da década de sessenta sob a liderança de Michel Pêcheux.

Sabendo que o discurso é uma prática de linguagem na qual temos a palavra em movimento, sua compreensão consiste em considerar a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Para Orlandi (2013, p.21):

Não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos, e não meramente transmissão de informação.

Os discursos são, portanto, processos de identificação do sujeito linguístico-histórico, de argumentação (sujeito psicossocial), de ideologias, de construção da realidade etc. Essas relações de linguagem, sujeitos / sentidos, possuem efeitos

múltiplos e variados, o que nos leva a adotar a perspectiva de Orlandi (2013, p.21) sobre o discurso em um sentido mais abrangente: “discurso é o efeito de sentidos entre locutores”.

Os sentidos da enunciação também são, dessa forma, compreendidos: o sujeito enunciador faz uso de um determinado enunciado repleto de significados no contexto em que está inserido. Esse significado torna-se visível no momento em que o analista considera a historicidade do discurso, as relações de força, as relações de sentidos, a antecipação, as condições de produção, bem como o interdiscurso ali existente. Nessa perspectiva, podemos entender que nenhum discurso ocorre duas vezes, trata-se de um acontecimento único e não reiterável, como sugere Foucault (1969, *apud* POSSENTI, 1993, p.61), “uma modalidade de existência de performance verbal tal como foi efetivada”.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que são as relações de sentido, dentre outros fatores, que tornam o enunciado compreensível ao receptor no ato da enunciação. Nessa perspectiva, Orlandi (2013) sugere que, segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros, e todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. A esse respeito, Foucault (1968, *apud* POSSENTI, 1993, p.61) discorre:

Acontecimento estranho, certamente: inicialmente, porque está ligado por um lado a um gesto de escritura ou à articulação de uma fala (*parole*), mas que, por outro lado, abre a si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória ou na materialidade dos manuscritos, dos livros, e não importa de que formas de registro; em seguida, porque é único como qualquer acontecimento, mas que se oferece à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque é ligado ao mesmo tempo a situações que o provocam, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem.

Portanto, consideremos o discurso como o processo contínuo, sem começo absoluto nem ponto final, pelo qual se torna possível a enunciação de diferentes enunciados concretos, em que o sujeito assume uma posição única, num determinado momento, embora suas verdades façam parte de uma memória discursiva: o saber discursivo, que torna possível todo dizer e que retorna sob a

forma do pré-construído, o já dito (ideologias) que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra do sujeito uno. Segundo Orlandi (2013, p. 39) “um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”.

Para Bakhtin (VOLOCHINOV, 2006), a linguagem tem um caráter externo e a enunciação faz-se mediante a necessidade da interação discursiva. No discurso, o sujeito coletivo traz consigo determinado enunciado e o torna concreto à medida que o expõe no ato individual da fala, construindo, assim, um sujeito significante. É, pois, a refração do sujeito que possibilita identificarmos essa coletividade ideológica no ato da enunciação, visto que os sentidos produzidos nesse discurso fazem parte de uma determinada comunidade, revelando-nos, assim, um sujeito social e coletivo, representante de formações ideológicas demarcadas pela sociedade.

De fato, a forma linguística [...] sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 2006, p. 96).

Dessa forma, podemos entender que todo enunciado é composto por ideologias coletivas, que fazem parte da realidade em que os sujeitos enunciativos estão interagindo. Sobre essas, M. Pêcheux *apud* Orlandi (2013, p. 46) aponta que “sua característica comum é dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas”. Nessa perspectiva, Orlandi (2013, p. 46) nos apresenta o trabalho da ideologia: “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”, logo, a ideologia é responsável por desvendar o significado do enunciado concreto em relação com outros enunciados que também poderiam ser ditos, mas não foram ditos e que significam na enunciação. A respeito da ideologia, Bakhtin (2006) nos esclarece:

De fato, como já dissemos, todo pensamento de caráter cognitivo materializa-se em minha consciência, em meu psiquismo, apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado. Nesse sentido, meu pensamento, desde a origem, pertence ao sistema ideológico e é subordinado a suas leis. Mas, ao mesmo tempo, ele também pertence a um outro sistema único, e igualmente possuidor de suas próprias leis específicas, o sistema do meu psiquismo. (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 2006, p.59).

Partindo do recorte apresentado, compreendemos que o sujeito uno torna-se significante a partir de um sistema ideológico coletivo no qual está apropriado o seu pensamento; é mediante a sua necessidade de expressão que se apresentará, com maior ou menor força, essa ideologia. Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006, p. 45), ainda argumenta que:

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: *a luta de classes*. (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 2006 p.45).

Logo, a luta de classes se apresenta como a arena, na qual os discursos se manifestam e as ideologias se confrontam, evidenciando, assim, os interesses, implícitos nas formações discursivas do sujeito falante, o qual, na concepção de Pêcheux (1969 *apud* STROGENSKI, 1996), seria resultado de um processo histórico-social e influenciado ideologicamente, o que o transforma e marca o seu discurso que, segundo Foucault “é atravessado não pela unidade do sujeito, mas pela sua dispersão. Diferentes indivíduos podem ocupar o lugar de sujeito no discurso”. (FOUCAULT *apud* CARDOSO, 1999, p. 22).

Diante do que foi exposto, compreendemos que analisar um discurso não é tarefa fácil, pois se trata de desvendar a história da enunciação presente em um determinado contexto, no entanto nos possibilita diferentes interpretações a partir do que foi exposto no enunciado tipo e que será o ponto de partida para quaisquer análises discursivas. Enfim, é o enunciado tipo, presente no momento da enunciação, que consideramos, aqui, como enunciado concreto e que nos possibilitou atravessar os efeitos de sentidos, produzindo uma significância para a linguagem e para os sujeitos do discurso em análise.

3 A ANÁLISE DE FORMAÇÕES DISCURSIVAS QUE FIGURAM COMO MEMES NA REDE SOCIAL FACEBOOK

Em meio à era digital, a Internet tem contribuído veemente com a circulação de informações que estão cada vez mais voláteis. Sabendo disso, a partir de uma pesquisa exploratória de dados, buscamos, aqui, analisar alguns fragmentos textuais que se propagam constantemente na rede social Facebook: os textos mêmicos.

É evidente que esse novo espaço de circulação/produção de novos gêneros (os gêneros emergentes) vem dinamizando ainda mais a linguagem enquanto instrumento de interação social, visto que nas redes sociais tornam-se frequentes as formações discursivas, constituindo discursos, que, a todo o momento, são vistos, compartilhados, comentados, e, comumente imitados por internautas de classes sociais, etnias, gêneros e religiões diferentes.

Nesse contexto de interação, torna-se notória a presença constante de personagens do mundo real proferindo discursos no ambiente virtual – é o ressoar de “vozes” no ciberespaço. As opiniões expressas, os traços ideológicos, as crenças estão cada vez mais impregnadas nas falas dos indivíduos que interagem cotidianamente nas redes sociais, em especial, no Facebook. Conforme sugere Souza (2013), é o jogo da adesão, ou mesmo adoção de ideias, na qual a dinâmica do ‘curtir’ e do ‘compartilhar’ ganha cada vez mais espaço, devido à evolução dos *memes*, cuja propagação vem se tornando cada vez mais forte.

De acordo com Souza (2013), o termo meme apareceu pela primeira vez em 1976, com Richards Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta), no qual definiu o meme como “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007, *apud* SOUZA, 2013, p. 128). Nessa perspectiva, compreendemos que os memes são histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que copiamos de uma pessoa para outra através da imitação, a qual, de acordo com Maingueneau (1997) não é um fenômeno periférico; na realidade, através desta questão, pode-se analisar um fato

tão crucial quanto evidente: os sujeitos reconhecem e produzem enunciados que pertencem a esta ou aquela formação discursiva.

Trata-se de saber se esta “imitação” é o resultado de uma espécie de impregnação passiva, lenta, que desencadeia a repetição de diversas dimensões da discursividade, ou se isto ocorreu pelo acesso a um sistema de princípios dotado de uma grande generalidade que permitiria produzir e interpretar enunciados inéditos em situações inéditas como dependentes do “mesmo” discurso. (MAINGUENEAU, 1997, p.105).

Dessa forma, apreendemos que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. O analista do discurso relativiza a língua, o discurso e a ideologia, possibilitando assim, a compreensão do dito no interior de um texto ao não dito, subentendido, no exterior do signo linguístico em questão.

Consideremos, pois, tudo o que foi dito até aqui a respeito do enunciado/enunciação e analisemos os memes:

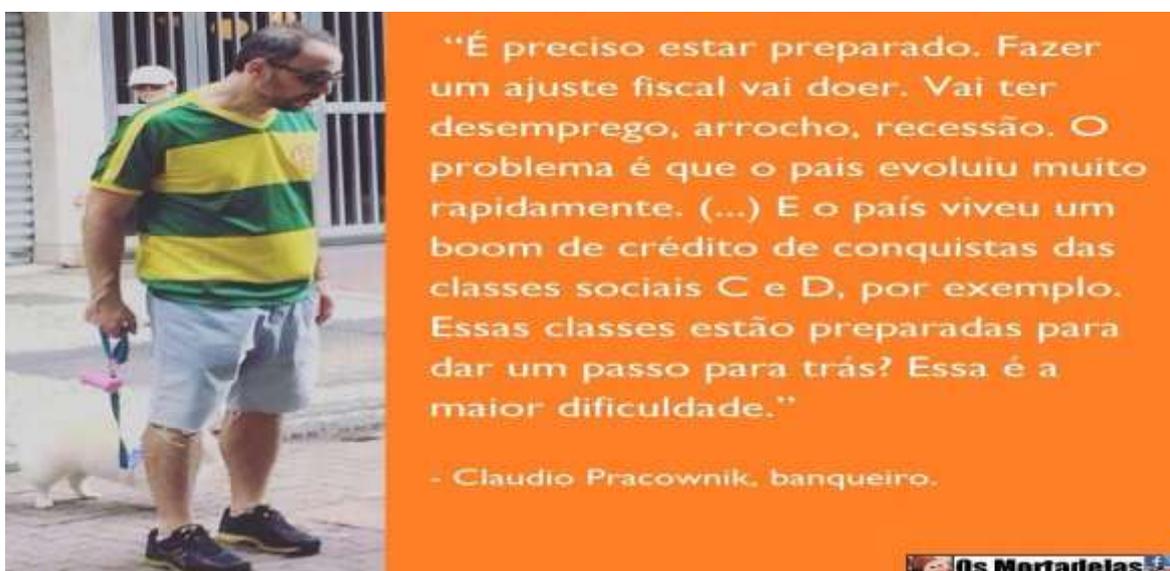


IMAGEM I Disponível em: <https://www.facebook.com/osmortadelas/?fref=ts>. Acesso em: 20 de março de 2016.

A imagem I, acima exposta, foi postada na rede social Facebook, no dia quinze de março de dois mil e dezesseis, (dois dias após os protestos organizados pela Frente Brasil Livre e Brasil sem Corrupção) em uma página intitulada Os

Mortadelas, site que tem como objetivo incomodar o senso comum, falando sobre política, economia, filosofia, sempre com muito bom humor.

A partir da referida imagem, temos a possibilidade de refletirmos acerca da crise econômica e política que se intensificou no Brasil no início de dois mil e dezesseis, gerando diversas manifestações sustentadas pelo discurso anticorrupção, embora seja sabido que as ideologias que as fizeram vir à tona estão enraizadas na luta de classes: direita (burguesia e boa parte da classe média) x esquerda (proletários).

Diante das condições de produção - o contexto imediato, o contexto sócio-histórico e ideológico -, podemos dizer que se trata de uma crítica aos interesses dos participantes de um ato de direita ocorrido no dia treze de março do corrente ano, no qual, entre outros argumentos, se utilizavam de supostos casos de corrupção envolvendo o governo do PT (Partido dos Trabalhadores), partido de esquerda que tem como principal nome o ex presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, para desestabilizar o governo, promovendo, assim, o impeachment da presidenta eleita em dois mil e catorze, Dilma Vana Rousseff.

Na imagem I, temos o enunciado concreto de Cláudio Prakownik: “- É preciso estar preparado. Fazer um ajuste fiscal vai doer. Vai ter desemprego, arrocho, recessão. O problema é que o país evoluiu muito rapidamente.” O sujeito uno, que se refrata em uma coletividade – os banqueiros, burguesia ao passo que seu discurso se fez a partir da ideologia que diz que as classes C e D devem ficar à margem das conquistas sociais, ainda acrescenta: “- E o país viveu um boom de crédito de conquistas das classes sociais C e D, por exemplo. Essas classes estão preparadas para dar um passo para trás? Essa é a maior dificuldade”.

A partir desse enunciado, podemos observar a principal preocupação da burguesia em relação à crise econômica que estamos atravessando: “- O problema é que o país evoluiu muito rapidamente”. Diante dessa afirmação, nos resta a pergunta: Para quem a evolução do país é um problema? “- E o país viveu um boom de crédito de conquistas das classes sociais C e D, por exemplo.” A esse respeito, Donzelli *et al* (2014) enfatiza:

As classes C e D adquiriram algumas características de compras semelhantes às classes A e B, assim havendo menos desigualdade

entre as classes sociais, no entanto, as classes C e D, consideradas emergentes, movem a economia com o consumo desenfreado. Este consumo cresce dia a dia devido, principalmente, às facilidades nas formas de pagamentos encontradas, tais como, financiamentos, cartões de créditos, cartões fidelidades de lojas credenciadas, liberando créditos para compras em suas lojas, e boletos bancários que permitem o parcelamento de compras em pequenos valores (DONZELLI *ET AL*, 2014, p. 01).

Com base nesse enunciado, podemos constatar que a impactante presença da classe emergente nessa última década, gerou certo desconforto na classe alta, pelo fato de perderem a exclusividade, e estarem sendo forçados a mudar o paradigma de que alguns lugares, produtos, status sociais são de usos especiais de classes altas, pois as classes emergentes passaram a adquirir condições de vida mais favoráveis, com consumo de bens duráveis, produtos de melhor qualidade e realizando investimentos em educação, como podemos observar nos argumentos de alguns militantes pró impeachment durante os protestos de março de 2016. Vejamos a imagem 2:



IMAGEM

II

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1259615537417243&set=a.1259615670750563.1073741826.100001064271552&type=3&theater>. Acesso em 20 de março de 2016.

A imagem II, acima exposta, também foi postada no Facebook, através da página de um usuário, no dia vinte de março de dois mil e dezesseis, no auge das manifestações contra o governo do PT. No cartaz em destaque, apresentado por

uma senhora branca, aparentemente, de classe média, está escrito: “Não consigo mais empregadas que durmam no emprego. Maldito Lula!” Compartilhando da mesma formação discursiva, o segundo cartaz, apresentado por um homem, também branco, nos traz o enunciado concreto: “Aeroporto agora parece rodoviária!”.

Bakhtin (VOLOCHINOV, 2006) nos ensina que o discurso é perpassado (até em suas unidades mais simples, tal como o signo) pelo conflito de classes e, portanto, possui caráter social e está intimamente ligado com a relação de poder na sociedade. Dessa forma, observamos que ambos os sujeitos estão inseridos no mesmo contexto sócio-cultural e pertencem a uma determinada classe social, a elite brasileira (minoridade que detém o prestígio e o domínio sobre o grupo social) que, historicamente, desfruta de privilégios, assumindo, assim, uma formação ideológica que diz que pobre nasceu para ser empregada doméstica / Que pobre não pode viajar de avião.

Logo, é notório que os protestos contra corrupção, organizados e realizados pela direita brasileira, de março a agosto de 2016, e que culminaram no impeachment da Presidenta eleita em 2014, Dilma Rousseff, foram marcados pela hipocrisia de seus militantes, visto que grande parte deles culpavam o governo petista pela considerável ascensão social das classes C e D, como fica explícito no enunciado sustentado pela militante de direita: “Maldito Lula!”

Durante a última década, os investimentos na educação, pelo Governo Federal, deram a oportunidade de boa parte dessas classes sociais (C e D) se inserirem no mundo do conhecimento, despertando-lhes a consciência de que, a partir da educação, existe a possibilidade de concretizar projetos de vida, fato que preocupa a burguesia, representada pelo banqueiro Cláudio Prakowniki, e que, historicamente podemos compreender através do interdiscurso presente na imagem III, que viralizou no Facebook no dia seguinte aos protestos organizados pela direita brasileira. Vejamos a imagem 3:



IMAGEM III Disponível em: <https://www.facebook.com/osmortadelas/?fref=ts>. Acesso em: 20 de março de 2016.

Analisando as formações discursivas presentes na imagem III, temos, em primeiro plano, a figura de um homem branco sendo carregado em uma rede por dois homens negros (escravizados), representando o Brasil colonial/escravagista do século XVI. Em segundo plano, temos um casal de brancos, (o banqueiro Cláudio Prakowniki e sua esposa) ambos vestidos com a camisa do Flamengo (edição comemorativa) e seu bebê sendo carregado pela babá, mulher negra. Como legenda, temos: “Quero meu país de volta!”, enunciado concreto que ironiza o discurso do banqueiro presente na imagem I. Trata-se, pois, de uma crítica aos argumentos de alguns manifestantes do ato do dia treze de março, os quais estão sendo representados pelo banqueiro Cláudio Prakowniki e sua família, como vemos no meme em análise.

De acordo com Orlandi (2013), podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato, sendo assim, a enunciação do banqueiro vista na imagem I se justifica pela perda de privilégios que a burguesia “sofreu” com as melhorias nas condições de vida das classes C e D, que na imagem III está representada, no primeiro plano, pelos escravos, e no segundo, por uma babá negra; e se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio- histórico, ideológico, e nessa perspectiva, a interdiscursividade nos leva à situação do negro no Brasil do século XVI, e que ao longo da história do país se encaixou na classe

pobre, passando de escravos a homens livres, porém sem muitos direitos garantidos, bem como aos privilégios da burguesia, que, ao longo da história, vem conquistando/dominando cada vez mais espaços e poder em nossa sociedade.

Como sabemos, mudanças são difíceis de serem aceitas, ou passíveis de resistências, como fica explícito no questionamento do banqueiro: - “Essas classes estão preparadas para dar um passo para trás? Essa é a maior dificuldade”. Dentre as diversas leituras possíveis para esse texto, podemos indicar as seguintes: Será que os mais pobres estão preparados para pagar a conta de uma crise que eu, enquanto banqueiro criei? Porque eu, enquanto elite, mais uma vez, não estou disposto a pagar. Será que os mais pobres estão preparados para perderem direitos e níveis de consumo para sairmos da crise? Porque eu, enquanto elite, não quero que taxem minha fortuna e muito menos mexam no imposto de renda, no qual eu pago praticamente nada e o pobre é explorado. Além disso, eu, enquanto banqueiro, quero nem ouvir falar em auditoria da dívida pública. Os pobres que se virem para pagá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi seguindo a perspectiva enunciativa - discursiva que optamos por relacionarmos a Análise do Discurso, representada, nesse trabalho, por Eni Orlandi e Michel Pêcheux, à Enunciação, seguindo as perspectivas bakhtinianas. Apresentamos, através de memes, um sujeito uno, presente no discurso, mas que, ao mesmo tempo, está inserido em um contexto social que contribui de forma significativa para as suas formações ideológicas, representando, dessa forma, as verdades dos sujeitos. Ou seja, trata-se de um sujeito uno e coletivo que fala, de maneira inconsciente (ou não), não por ele só, mas a partir, e, sobretudo, das influências psicossociais exercidas pelo meio.

Consideramos, pois, a refração do sujeito, o contexto sócio-histórico em que estamos inseridos, bem como as vantagens da Web 2.0 na propagação de informações. Compreendemos que a linguagem é composta por ideologias, as quais afetam o sujeito que as propagam através de diversos gêneros textuais, dentre os quais, restringimo-nos aos memes.

A partir desses pressupostos, foi que nos depreendemos em busca do sentido na enunciação, para tanto, fizemos um trajeto inicial em busca de evidências que pudessem nos firmar e pelas quais tomamos o discurso como objeto de análise, visto que discurso e enunciação não se separam, embora o sujeito possa assumir formas diferentes em cada linha de estudo.

Por fim, esperamos ter sido relevante o nosso estudo no campo linguístico, pois como já foi dito, estudar a língua enquanto signo é um trabalho complexo, tendo em vista a sua arbitrariedade. Que possamos, com ele, abrir caminhos para possíveis discussões e futuras análises. Deixemos registrado, porém, o nosso desejo de dar continuidade ao mesmo, revisando e reanalisando os pontos que nos forem pertinentes.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. De M. Lahud e Y. F. Vieira. 12ª ed. São Paulo, SP; Hucitec, 2006.
- BRANDÃO, H. H. N. **Analisando o discurso**. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). Portal da Língua Portuguesa. São Paulo, SP; Fundação Roberto Marinho, 2006, v., p. -.
- CARDOSO, Sílvia. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte, MG; Autêntica, 1999.
- DONZELLI, Orivaldo et al. **Ascensão das classes C e D no mercado consumidor brasileiro**. Uni- Facef Centro Universitário de Franca, SP, 2014. Disponível em: periodicos.unifacef.com.br/index.php/forumadm/article/download/778/711. Acesso em: 18 de julho de 2016.
- GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**/Elisa Guimarães. – 1 ed., 2ª reimpressão. São Paulo, SP; Contexto, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**/Dominique Maingueneau; 3 ed. Campinas, SP; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**, 11 ed. Campinas, São Paulo, SP; Pontes, 2013.
- POSSENTI, Sírio; **Discurso, estilo e subjetividade**/Sírio Possenti, 1 ed., 1ª reimpressão. São Paulo, SP; Martins Fontes, 1993.
- SOUZA, Carlos Fabiano de. **Memes: formações discursivas que ecoam no Ciberespaço**. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes, RJ, v.15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20130011/2743>. Acesso em: 07 de junho de 2016.
- STROGENSKI, Paulo Juarez Rueda. **Linguagem e Sujeito**. REVISTA LETRAS, Curitiba, PR, v. 1, p. 73-77, 1996. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/paulo.htm>. Acesso em: 30 de junho de 2016.
- FACEBOOK. **Os Mortadelas**. Disponível em: <https://www.facebook.com/osmortadelas/?fref=ts>. Acessado em: 20 de março de 2016.
- FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1259615537417243&set=a.1259615670750563.1073741826.100001064271552&type=3&theater>. Acesso em 20 de março de 2016.